Ano XX — Lisboa, Fevereiro de 1964 — N.º 226

SEMPRE PRONTO

MENSÁRIO ESCOTISTA

Agraciado com o «Lis de Prata» da Associação dos Escoteiros de Portugal

Director e Editor
Eduardo Ribeiro

Administrador
Capitolino Ferreira Macedo

Redactor principal
Joel Ribeiro

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:
Trav. de Vitorino de Freitas, 9
LISBOA — 3
TELEFONES:
Red. 636607 — Admin. 638849

Composição e Impressão: TIPOGRAFIA VIEIRA / Praça Afonso de Albuquerque, 2-A / Telefone 63 78 66 / LISBOA 3 ● PROPRIEDADE DO CÍRCULO FRATERNAL DE COOPERAÇÃO ESCOTISTA

Integração Escotista

Como muitas coisas que se encontram sujeitas aos caprichos ou às oscilações da moda, há certas palavras cuja frequência de uso também se ressente dessa temporalidade. Enquanto algumas caem em desuso, como «botequim», «rabeca», «ledo», «soer», outras, de desconhecidas ou incomuns, ganham de repente os favores do povo e tão depressa não deixam de bailar na boca de toda a gente, a propósito ou despropósito de tudo.

Estamos a lembrar-nos, por exemplo, de um termo nestas condições. Na toponímia lisboeta existem os nomes de «largo», «praça», «alameda», «campo», etc. para designar arruamentos que, pelas suas proporções e disposição, não podem receber o de «rua» ou «avenida» ou outros semelhantes. Ora como os modernos planos de urbanização tivessem criado, aqui e além, com certo acanhamento de proporções, algumas novas praças, o público chama-lhes, natural e simplesmente, «pracetas». E este vocábulo, caído no goto dos lisboetas, é repetido por toda a gente, até que a edilidade, com certa ousadia, o substitui pelo nome de «praça».

Mas não é esta a palavra que eu desejava prendesse as nossas atenções, mas uma outra que surge agora escrita em grossas parangonas. Refiro-me a «integração». Embora não se trata de um neologismo, os eventos contemporâneos têm sido propícios a que se tornasse repetido o uso desse vocábulo.

Estas evoluções na moda das palavras, provam afinal a própria evolução da vida humana, os progressos das ciências e das técnicas, o curso da história, os acessos e os retrocessos dos costumes.

Falemos, pois, de integração, a palavra da hora presente. Não entramos, contudo, em congeminações de ordem económica e muito menos política, porque isso seria descabido neste lugar, além de que, nesse capítulo, nada seria possível andiantarmos ao que por aí se tem dito. Vamos, sim, tratar da aplicação desta palavra no movimento escotista.

Que é integração? Os dicionários, com visível comodismo, dizem simplesmente que é a acção de integrar. Ora o que é então integrar? E', entre outras coisas, inteirar, completar. Alargando um pouco esta acepção, pode afirmar-se que integrar é tornar íntegro, ou seja, completo, perfeito, recto, justo, incorruptível, puro.

O panorama que oferece o Escotismo na nossa terra denuncia, não há dúvida, uma necessidade ingente de integração. Basta olharem-se as condições de vida e o nível de actividades da maior parte dos grupos para se concluir que eles vivem muito à margem do que se pode e deve exigir de uma unidade escotista. Que ideia farão os rapazes que passam por esses grupos dos mundialmente apregoados créditos do Escotismo? Teriam eles encontrado aí algo que lhes produzisse o tão falado entusiasmo que o método escotista proporciona ao adolescente, segundo atestam as autoridades nesta matéria? Teria chegado até esses rapazes qualquer ensinamento de ordem prática ou moral que constitua proveitosa experiência ou exemplo para as suas vidas?

Creio que, infelizmente, grande parte dos rapazes que têm constituído as nossas fileiras nos últimos tempos se tornará um factor negativo para o prestígio do nosso movimento, porque, de facto, desconheceu o que é verdadeiramente o espírito escoteiro. Por conseguinte,

Continua na pág. 6

OS BRINQUEDOS de Guerra

Mais um caso a atestar a pertinência do alarme que demos nestas colunas, a respeito dos brinquedos de guerra.

É o «Diário de Notícias» do dia 22 do passado mês de Janeiro que descreve um acontecimento, que poderia ter redundado em tragédia, sucedido na cidade de Aveiro.

Um grupo de crianças, de à volta dos 10 anos, entregava-se às brincadeiras próprias da sua idade. Tudo decorria normalmente até que «em determinado momento, — diz a notícia — um dos pequenos deitou a mão a uma espingarda, na intenção de fazer qualquer arremedo de luta ou brincadeira semelhante. A espingarda, porém, caiu no chão e desfechou-se, indo a carga de chumbo alojar-se no abdómen de José Carlos Maia Gomes (...) o qual ficou a sangrar e a contorcer-se com dores.» Esta criança, depois de conduzida a uma casa de saúde, foi operada, tendo ficado internada em estado grave.

Que mais será necessário aduzir para provar os resultados nefastos da familiarização das crianças com o uso das armas de fogo? Julgamos que os casos que temos apresentado são suficientes para demonstrar a necessidade de não só desviar das crianças esses instrumentos, mas também de não as habituar à utilização em brincadeiras de objectos que concitam à prática de acções agressivas e de outras violências.

Deste modesto cantinho, proclamamos a necessidade de uma campanha nacional contra os chamados brinquedos de guerra. É indispensável que as organizações educativas levem a cabo,

Continua na pág. 2

QUARENTA MIL BOMBAS ATÓMICAS!

O «Jornal do Comércio», o mais antigo jornal diário do nosso País, publicou em 21 de Janeiro passado o interessante artigo que, com a devida vénia, abaixo transcrevemos. E fazemo-lo porque achámos as declarações de Josué de Castro tão objectivas e impregnadas de verdadeiro ideal escoteiro, que ficam bem nas colunas de Sempre Pronto, *acompanhadas pelos judiciosos comentários daquele diário.*

Numa entrevista concedida recentemente e que teve larga repercussão internacional, declarou Josué de Castro, ministro representante do Brasil nas Nações Unidas e presidente da Associação Mundial contra a Fome, que se calcula em 40 mil o número de bombas atómicas já fabricadas e armazenadas pelas potências nucleares. Ora, segundo os técnicos da apocalíptica especialidade, 5 mil dessas bombas são suficientes para destruir completamente a humanidade à superfície da Terra. Uma aritmética simples leva à verificação de que já existe oito vezes o número suficiente de bombas para levar a cabo a guerra perfeita, isto é, a que se decidirá pelo aniquilamento total dos combatentes possíveis. E, pela mesma razão, pergunta Josué de Castro se valerá a pena continuar a gastar verbas fabulosas a fabricar mais bombas que, à luz do mais simples raciocínio, são absolutamente desnecessárias. Em compensação, as necessidades de auxílio às populações miseráveis do globo são cada vez mais evidentes e mais claramente conhecidas, pondo em causa a hipótese da transferência das despesas militares — que as 40 mil bombas tornam dispensáveis — para um vasto orçamento mundial de luta contra o atraso económico e social.

Algumas cifras adicionais vale a pena lembrar, em complemento do número expressivo das bombas atómicas disponíveis. Os Estados Unidos, que têm sido o paladino persistente (embora muito discutido) do auxílio internacional, consagram a este fim 0,55 do seu orçamento. No entanto, os armamentos absorvem mais de 10 por cento das disponibilidades orçamentais e o conjunto das despesas militares ou para-militares vai muitíssimo além disso. Na Inglaterra, a relação entre os encargos de apoio aos países subdesenvolvidos e os encargos armamentistas é de 1 para 18. No Canadá, a relação é de 1 para 33. Calcula Josué de Castro em 140 biliões de dólares (imagine-se, se é possível, o que sejam 4200 milhões de contos...) o montante despendido pelas grandes potências mundiais com os seus orçamentos bélicos. Em contrapartida, o rendimento nacional de todos os países que se podem considerar subdesenvolvidos — cerca de uma centena — é avaliado em 180 biliões de dólares. Quer dizer: com o dinheiro dos orçamentos de guerra (dissipado em pura perda, porque 5 mil das 40 mil bombas existentes bastam para arrumar o assunto) poderia duplicar-se de um momento para outro o total dos recursos de vida de mais de dois terços da população do globo...

A solução para os problemas da fome e da miséria no Mundo, segundo Josué de Castro, está hoje à vista de toda a gente, num simples movimento de bom-senso. Com o desarmamento progressivo e com a «integração» económica do Mundo, a suposta utopia da extinção da fome e da miséria pode transformar-se ràpidamente em realidade. «Considero a luta contra a fome, declarou o prestigioso sociólogo e humanista, como o mais alto símbolo da grande tarefa das gerações actuais. A sua responsabilidade não é apenas a de refazer o Mundo, mas a de impedir que o Mundo seja destruído. E para evitar a destruição é preciso, antes de tudo, recuperar um mundo gangrenado pela fome — porque dois terços da humanidade estão esfaimados». O esforço gigantesco que Josué de Castro reclama está no pensamento de todos os que considerem com lucidez e com larga visão universalista os problemas fundamentais da nossa época. E esses problemas é que constituem, sem dúvida, a realidade decisiva para todos os povos.

Os brinquedos de Guerra

Seguimento da pág. 1

quanto antes, essa iniciativa. Porque não a Liga Portuguesa de Profilaxia Social? Esta importante colectividade nortenha, que tão oportunas e úteis campanhas tem realizado, com êxito absoluto, poderia ser o motor deste empreendimento, o qual, a ser efectuado, enriqueceria o seu historial com mais um importante serviço prestado à causa da educação em Portugal.

QUEM DER A NOTÍCIA SERÁ ENFORCADO

Na sede, a alegria era contagiante. Os escoteiros limpavam e arrumavam o material utilizado no acampamento do último fim de semana.

— Muito bem — exclamou o chefe Rolando — agora, que está tudo em ordem, vamos falar do acampamento e discutir o que houve de bom e de mau.

Durante meia hora travou-se animada palestra entre todos os escoteiros. Apenas o António, escoteiro de doze anos, estava calado.

— Então, António — interrogou o chefe — não dizes nada? Não gostaste do teu primeiro acampamento?

— Sim, chefe, gostei muito! — exclamou entusiasmado o jovem.

— E qual foi a actividade que mais apreciaste? — inquiriu interessado o chefe Rolando.

— Foi do fogo do conselho! Especialmente daquela história do cavalo Islan, de Búfalo Bill, que o chefe contou. É encantadora. Nunca mais a esquecerei!

— Nós também gostámos muito — apoiaram outros escoteiros.

— Todos gostaram — concluiu um dos guias.

— Muito bem — declarou o chefe — vejo que se entusiasmam com histórias de cavalos — lembro-me agora de um episódio também passado com cavalos...

— Ó chefe: Conte lá isso à rapaziada — solicitou entusiasmado o mais novo escoteiro.

— Vá lá, então, a teu pedido:

O rei Henrique IV da França tinha um cavalo de muita estimação, que utilizava em combate, nas caçadas e nos momentos mais solenes. Era o seu cavalo favorito. Cavalo e cavaleiro constituíam como que uma só peça tanto nas duras campanhas contra inimigos como nos torneios e exercícios junto dos gentis homens da corte.

Henrique IV não se separava do seu fiel companheiro e dispensava-lhe os maiores cuidados. Uma equipagem especial estava sempre pronta a servir o seu cavalo e a mantê-lo em forma.

Certo dia, porém, o rei foi bruscamente avisado de que o seu cavalo estava doente e muito doente. Como louco, correu à cavalariça a examinar o animal. Já lá se encontravam os tratadores e os físicos de animais.

«Como está ele?» perguntou o rei ansioso.

«Muito mal, senhor! — retorquiu um físico — naturalmente não sobreviverá!»

O rei teve um ataque de fúria,

Continua na pág. 5

SEMPRE PRONTO

Tiveram a gentileza de nos saudar por motivo do 19.º aniversário de *Sempre Pronto* os nossos amigos Srs. Albano da Silva, Rev. Eduardo Moreira e Chefe Armando Morais, cujas palavras de simpatia muito agradecemos.

★

Também o «Ecos de Belém», o conhecido semanário bairrista, se referiu ao nosso aniversário no seu número de 7 do corrente, o que muito agradecemos.

Publicações Escoteiras

Carta anual do Campo-Escola Mundial de Gilwell Park-Londres

O Director da Escola Central de Chefes dos Escoteiros de Portugal publicou, em folheto copiografado, esta carta circular, respeitante ao ano de 1962, e dirigida a todos os componentes da Equipa Mundial de Formação e Treino de Chefes.

Por esta carta, podem todos os interessados no Treino de Chefes acompanhar o desenvolvimento deste importante trabalho de formação de Dirigentes e tomar conhecimento das normas e directrizes da obra de divulgação empreendida em todo o Mundo pelos cursos de Insígnia de Madeira. Interessante, sobretudo, notar que em todas as associações escoteiras têm sido adoptadas as normas e directrizes do Campo de Gilwell Park, mantendo-se assim a unidade espiritual e de sistemas em todos os campos, sem prejuízo das características nacionais sempre possíveis e até desejáveis.

A equipa de dirigentes do Campo-Escola e mesmo o seu Director John Thurman deslocam-se constantemente a diversos países colaborando no desenvolvimento de cursos e na execução dos programas.

Manual dos Chefes para um pequeno Curso de Formação e Treino de Guias de Patrulha

As Edições Escotismo e o Fundo de Financiamento Escotista, organismos cuja constituição não foi ainda anunciada mas que estão promovendo um trabalho que nos parece interessante, acabam de editar este útil manual, que, embora copiagrafado, se encontra bem impresso e de boa apresentação, muito importante para os Chefes Escoteiros aos quais exclusivamente se destina.

Trata-se de uma tradução do Sr. Eng. Nobre Santos, Director da Escola de Chefes, do opúsculo «A short course of Patrol Leader Training» publicado pela Associação dos Escoteiros da Inglaterra.

Apesar de se apresentar como um «pequeno curso», o certo é que este livrinho contém um bem elaborado programa de trabalho de um grupo de escoteiros e cometerá grave falta o dirigente de grupo que o ignorar.

O seu preço é de 11$00 e os Chefes de Grupo podem requisitá-lo ao S. M. U., na rua de S. Paulo, 254, 1.º, em Lisboa.

O ESCOTEIRO PORTUGUÊS

Um dia, em mais pequeno, eu tinha pouca idade,
Andava a passear p'lo centro da cidade,
P'la mão do meu paizinho... em tarde de calor.
De longe vinha o som dum rufo de tambor,
E o toque de uma marcha, a voz dum clarim
Atravessava o espaço e chegava até mim.
Decerto um regimento — espere um bocadinho.
Deixai-mo ver passar — disse eu a meu paizinho.
Os toques de clarim, os rufos de tambor,
De momento a momento ouviam-se melhor...
E eu sentia em mim aquela sensação,
D'um sonho muito lindo em celeste mansão!...
Logo, ao dobrar da esquina, a demonstrar grandeza,
Surgiu essa bandeira, a alma portuguesa
Naquele verde rubro, e, seu escudo ideal...
O símbolo bem patente dum povo sem igual!...
Eu era pequenino, mas já sentia bem,
Aquele grande amor pela Pátria, nossa Mãe!...

Não eram militares os moços que marchavam,
Escoteiros; era esse o nome que lhes davam,
Passaram com aprumo, mostravam galhardia,
E eu, nem sei porquê, Escoteiro me sentia.
Camisa amarelada, o chapéu largueirão,
O lenço no pescoço, o vinco no calção,
Navalha, espia, machado, a rija bota ferrada,
Tudo caía bem àquela rapaziada!

Depois de autorizado, no grupo me alistei;
E hoje, como vêem, escoteiro sou também.
Aqui tenho aprendido a combater o mal,
A defender o fraco, erguendo um pedestal,
Onde se veja bem a doce palavra «Amor»,
Palavra que nasceu dos lábios do Senhor!

É que o Escoteiro tem no peito um ideal:
P'lo «BEM» e ter orgulho em ser de PORTUGAL!

Abril de 1943

Armando Dias

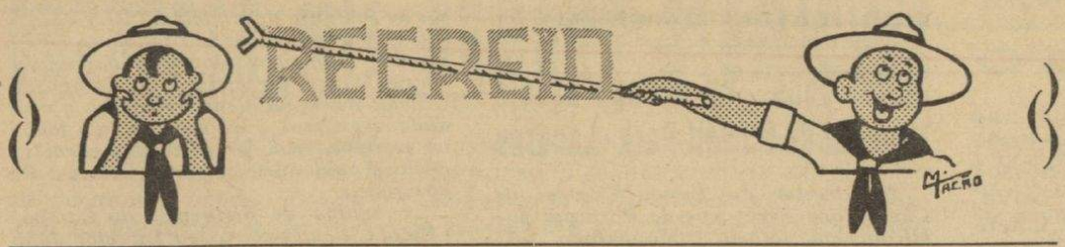
O 107.º aniversário do nascimento de Baden-Powell

Continuação da pág. 8

tido diversas vezes e com valentia, impediu-o certa vez de receber o Prémio Nobel que lhe foi proposto. Mas a verdade é que bem o teria merecido porque, a despeito da sua vida militar, foi capaz de albergar um alto ideal de amizade e promover uma obra de paz entre a gente nova que, estamos certos disso, tem criado fortes laços de boa compreensão entre os povos numa escala nunca atingida.

Sobretudo, o que encanta nos ideais de B. P., que o Escotismo afirma, é a sua flagrante actualidade. Cinquenta anos depois de fundado, o Escotismo continua a ter a resposta certa para as mais prementes necessidades do mundo actual. E' imperioso encontrar solução para a crise que o mundo atravessa, de forma a que os povos e as nações possam ser poupados à terrível destribuição de uma nova guerra. Devem ser tentados todos os meios para alcançar esse objectivo, mas nós não conhecemos outro meio mais eficiente de que a amizade entre os homens de todos os continentes, raças e credos, e o melhor meio de o conseguir é fomentar o companheirismo, o conhecimento, sobretudo através de contactos entre a gente nova e esta congraçada pela adesão comum a ideais de paz. Este é o caminho do Escotismo e esta foi a obra empreendida por Baden-Powell cujo aniversário de nascimento uma vez mais comemoramos.

Este número foi visado pela Comissão de Censura



ANEDOTAS

Doentes

— Como está o Alfredo?
— Já quatro médicos o abandonaram por terem perdido as esperanças...
— E que tem ele?
— Nunca lhes paga as contas...

Questão de estatística

O Marido está lendo o jornal e, de repente, diz para a mulher:

— Olha, como isto é curioso! Diz aqui o Diário que por cada cinco crianças que nascem no mundo uma delas é chinesa.

Resposta imediata da mulher:

— Ainda bem que só temos quatro filhos!

Entre amigos

— Porque será que ninguém diz mal do Pedro?
— É muito simples. Não tem amigos!

ADIVINHAS

I

Eu no campo me criei,
Metida entre verdes laços;
O que mais chora por mim
É que me faz em pedaços.

II

Somos dois irmãos em casa,
De diferente condição;
Eu nunca fico sem missa,
Como fica meu irmão.
Para bailes e banquetes
a mim me convidarão;
Para gostos e temperos
Falem lá com meu irmão.

Soluções de Dezembro

Mistério no Elevador

O suspeito não foi detido porque os agentes viram que ele era anão. Por isso ele não conseguia chegar mais alto do que o botão do 3.º andar. No sexto-andar já pôde chamar o elevador e carregar no botão do rés-do-chão para descer.

Adivinhas Populares

I — O coração
II — O lacre.

Palavras ao Quadrado

L E M A M A T A
E R A M A M A R

As Desventuras do Zé Escoteiro

O Zé presta boas provas



Depois do último desaire, o nosso amigo e famoso Zé Escoteiro resolveu redobrar de cuidado para não cair noutro disparate. Tinha que tomar assento!

Agora, era o escoteiro mais assíduo às reuniões. Não queria ser mais Patatenra. Tinha de tirar a segunda classe?

A reunião de patrulha começara há momentos, quando o Zé entrou esbaforido na sede. Tropeçou no tapete e irrompeu na sala com um «boa noite» sonoro, logo seguido de uma saudação em rigorosa posição de sentido.

— Guia — continuou ele — tira-me esta prova, faz favor.

— Que prova queres prestar? — interrogou o Guia.

— Orientação. Já sei tudo!

— Óptimo, meu rapaz. Vamos lá a ver isso. Quais são os pontos cardiais?

— Norte, Sul, Este e Oeste — respondeu o Zé triunfantemente.

— Muito bem, sim senhor. Vejo que sabes. Agora diz-me lá: Como é que encontras o Norte?

O nosso Zé sorriu com satisfação e disse:

— É simples, muito simples mesmo. Para encontrar o Norte viro-me para o Sul e já sei que o Norte fica para trás das minhas costas.

***

Pouca sorte tem o Zé Escoteiro. À noite, quando regressou a casa, ainda não levava a prova na sua caderneta.

CURIOSIDADES

Um novo processo de lapidação de diamantes, descoberto por um lapidador de Bruxelas, revolucionará os métodos actualmente em uso, pois permitirá obter 74 facetas, em vez de 58, o máximo até agora atingido.

As figuras que ornamentam a fachada principal de teatro da Trindade, em Lisboa, são de Gil Vicente, António Ferreira, Damião de Góis e Sá de Miranda.

O jornal mais antigo do mundo circula na China e conta 1 400 anos de existência. Trata-se do «Notícias de Pequim», que começou a publicar-se 950 anos antes da invenção da Imprensa.

A Formiga, a Pomba e o Passarinho

(Fábula de Esopo)

Uma formiga caiu à água e ter-se-ia afogado se uma pomba caritativa não lhe tivesse atirado uma folha de árvore, sobre a qual se pôde salvar. Nisto, chega um passarinheiro e lança a rede para apanhar a pomba; mas a formiga que o observara e compreendeu o perigo que corria a sua benfeitora, aproxima-se dele e dá-lhe tão forte picadela que o obriga a dar um salto e deixar cair a rede. A pomba com o ruído percebeu o perigo e levantou voo.

Se até os animais se mostram agradecidos ao seus benfeitores, quanto mais não deverão ser os homens.

ENIGMA

A minha primeira letra está em macio e não em áspero; a segunda em triste e não em alegre; a terceira em robusto e não em débil; a quarta em grosseiro e não em delicado; a quinta em obscuro e não em célebre; a sexta em justo e não em iníquo; a sétima em próximo e não em afastado; a oitava em sombrio e não em claro.

O meu todo é uma flor.

TESTAMENTO DUM ÉBRIO

Deixo à sociedade um carácter detestável, um exemplo funesto e uma memória odiosa.

Deixo aos autores de meus dias a dor que não sei como poderão suportar em sua idade avançada.

Deixo a meus irmãos e a minhas irmãs toda a vergonha e tristeza que lhes causei com o meu modo de viver.

Deixo a minha esposa um coração dilacerado e uma vida de miséria.

Deixo a cada um dos meus filhos a pobreza, abandono, embrutecimento, e a triste lembrança de que seu pai morreu vítima de embriagués.

QUAIS SÃO OS GUIAS?

A patrulha «Lobo» é constituída pelos seguintes escoteiros: António de Sousa, Domingos Antunes, Henrique Martins, Jaime Fernandes, Joaquim Martins, Mário Costa e Raul de Almeida.

Veja se consegue descobrir quem é o guia e o subguia, tendo em atenção o seguinte:

a) O António e o Raul são os únicos escoteiros que moram fora da vila;
b) Quando o Henrique adoeceu, o guia e o Domingos foram visitá-lo;
c) O Jaime é o escoteiro mais novo da patrulha, pois fez o compromisso de honra há apenas um mês;
d) O Joaquim e o irmão moram no mesmo prédio que o subguia. O guia mora no prédio em frente.

SERÁS TU CAPAZ?

Sírius é uma das estrelas que estão mais perto da Terra. Mas esse perto é tal que a luz de Sírius leva oito anos e meio a cá chegar. E a luz viaja com velocidade tal que poderia dar sete vezes a volta à Terra, no Equador, no espaço de um segundo. Ora, num ano há 31 556 925 segundos e o equador mede 40 070 quilómetros. Quem é capaz agora de dizer a que distância da Terra está Sírius?

O apetite das aranhas

O entomologista inglês Lubbock; depois de observações atentas e pesagens meticulosas, chegou a esta conclusão elucidativa:

Para um homem comer tanto como uma aranha, proporcionalmente ao seu peso, teria de consumir por dia: dois bois, treze carneiros, dez porcos e quatro barricas de peixe.

Onde é que havia ordenado que suportasse isto?

O ESCOTISMO
renasce em Carcavelos

Uma Secção do Grupo n.º 12 está a ser organizada nesta localidade

A convite do nosso prezado amigo sr. António Viegas Custódio, estivemos há semanas a visitar uma Secção do Grupo n.º 12, que se encontra em organização em Carcavelos.

Ainda não há muito tempo, este jornal fez eco de certas tentativas levadas a efeito no sentido de se fazer ressurgir o Grupo n.º 16, unidade escotista de brilhantes tradições e que trouxe para o nosso movimento figuras de muito prestígio e elementos de incontestável dedicação.

Nem tudo se perdeu dessa iniciativa e chegou agora a vez do Chefe Viegas Custódio meter ombros ao empreendimento. E alguma coisa se conseguiu já: a Secção conta com um bom conjunto de rapazes, cheios de entusiasmo e impacientes por iniciarem, a sério, a actividade escotista; conta também com uma pequena dependência, amàvelmente cedida por uma empresa de panificação, de que é administrador um dos amigos da novel Secção, o sr. Guilherme Bastos. Nessa dependência está instalada provisòriamente a sede.

O sr. Viegas Custódio elucida-nos:

— Como vêem, é aqui neste modesto cantinho que a Secção está instalada, graças à boa vontade dos seus proprietários. Este grupo de rapazes, que há tempos levei a acampar na Caparica, está tomado de grande entusiasmo pelo Escotismo. Eles é que têm feito isto tudo — diz-nos o Chefe Custódio, apontando-nos para os móveis e acessórios que enchem o recinto.

A patrulha «Castor», o nome que os rapazes de Carcavelos adoptaram, é composta presentemente por 8 castores. Há ainda 2 lobitos para a alcateia em formação. Aguarda-se que apareçam mais rapazes, estando em vias de ingressar na Secção um futuro escoteiro e outro lobito.

Falámos com o José Manuel Cordeiro, indigitado para dirigir a alcateia dos lobitos. Trata-se de um jovem estudante, de aspecto franco e resoluto, disposto a fazer «a coisa» andar para a frente.

O Rui Pedroso é o futuro guia da patrulha, que tem como ajudante o José Germano Rola, filho do sr. Fernando Germano Rola, de uma família que, mercê das suas qualidades de acção, tem o nome ligado à interessante acção desenvolvida pelo Grupo 16. Os dois jovens que vão dirigir a patrulha são rapazes animosos e entusiastas, de quem muito é lícito esperar.

Os outros componentes da patrulha dão todas as esperanças de virem a ser escoteiros exemplares, pois, tal como os guias, são bons estudantes do Liceu de Oeiras, das Escolas Marquês de Pombal e Francisco de Arruda e dos Colégios dos Salesianos e Português de Carcavelos. São eles o Luís Vital, o Luís Lacerda, o Benjamim Silva, o João Roque, o João Luís da Gama e o Daniel Galharoz. Os futuros lobitos chamam-se Paulo Luís Rola, também membro da família Rola, e Horácio Luís Silva.

Quando perguntámos o que desejavam realizar no nosso movimento, logo responderam:

— Queremos fazer com que outros rapazes entrem para o grupo e torná-lo assim mais forte e capaz de nos dar os ensinamentos de que carecemos.

Outros mais realistas, disseram simplesmente:

— Desejamos acampar e entrar em desfiles!

Como todos eles são estudantes, as reuniões realizam-se aos sábados, a fim de não prejudicarem o aproveitamento escolar.

— A minha mãe já me disse — exclamou um deles — que, se não passar, já sei o que me acontece...

Continua na pág. 6



Formação de Chefes
pela Insígnia de Madeira

Na Sede Central dos Escoteiros de Portugal, realizou-se no passado dia 29 de Janeiro, a anunciada sessão de abertura do 3.º Curso de Explanação Geral.

Estiveram presentes entre 50 a 60 pessoas das quais se inscreveram 27 candidatos à obtenção do respectivo certificado. Entre os presentes viam-se alguns antigos Escoteiros, Chefes de Grupo, o Escoteiro-Chefe do Núcleo de Lisboa, e o Sr. Prof. Júlio dos Santos, Presidente da Direcção do Grupo n.º 13. Viam-se ainda alguns Caminheiros e alguns estranhos ao Movimento, interessados em adquirir mais alguns conhecimentos sobre os métodos escotistas.

O Director da Escola Central de Chefes, sr. Eng.º Nobre Santos, deu indicações genéricas sobre o desenvolvimento do Curso e tratou dos aspectos basilares do Escotismo, focando principalmente os princípios fundamentais do método escoteiro, frisando bem a importância que há em não se confundirem os meios do método (actividades, provas, etc.) com os objectivos, que fundamentalmente visam a formação dum bom e forte carácter.

No final, projectou várias fotografias coloridas. Essas projecções apresentavam diversos passos de cursos de formação de Chefes e actividades escoteiras em geral, uns e outros realizados em Portugal e no estrangeiro.

As próximas sessões realizar-se-ão às quartas-feiras, de 15 em 15 dias: em 12 e 26 de Fevereiro e 11 e 25 de Março, às 21.40 e no mesmo local. Serão explanados os assuntos versados nos questionários da I Parte do Curso Geral da Insígnia de Madeira quer de Chefes de Tribo, quer de Chefes de Alcateia, que a partir desta data passaram a estar também à disposição dos respectivos candidatos.

Os candidatos que não tenham podido estar presentes à primeira sessão, poderão ainda comparecer a partir das duas seguintes. Interessaria bastante que alguns outros responsáveis pela direcção de unidades escotistas tomassem parte nestas actividades de formação e aperfeiçoamento de Chefes, pois que é da elevação do nível dos Chefes que dependerá em grande parte a melhoria e o aumento do nosso Escotismo.

Nas próximas sessões haverá também algumas projecções de fotografias coloridas e intervirão não só outros dirigentes diplomados mas também os próprios candidatos em sistema coloquial.

Quem der a notícia será enforcado

Seguimento da pág. 2

ficou profundamente perturbado e, com voz ameaçadora, gritou:

«Pois bem! Ai de vós se ele morrer. O primeiro que me der a notícia será enforcado». E saiu porta fora completamente fora de si.

O inevitável aconteceu passados poucos dias e apesar dos esforços dos tratadores. A notícia tinha que ser dada a El-Rei, mas ninguém se atrevia a fazê-lo.

Todos se entreolhavam e ninguém encontrava solução para o problema, já que o rei era temido, até que um pajem, bastante novo ainda, se incumbiu corajosamente do serviço.

Irrompendo pelo paço, o jovem interpelou o rei: «Senhor! Senhor! Que grande desgraça! O vosso cavalo...»

«Morreu, não é verdade?» interrogou ansiosamente o rei.

«Sim, senhor! — continuou o pajem — mas o pior é que Vossa Majestade terá de ser enforcado».

«Enforcado! Porquê?» volveu o rei.

«Porque foi Vossa Majestade o primeiro a dar a notícia da morte do vosso cavalo favorito».

Henrique IV achou graça à esperteza do rapaz e, como naturalmente os tratadores não tinham culpa da morte do corcel, perdoou-lhes como era devido.

***

O relógio tocou 22 horas. Os escoteiros formaram e a reunião acabou.

BALU



Grupo N.º 60 — VILA REAL DE ST.º ANTÓNIO

Este Grupo efectuou a tradicional reunião de fim do ano, durante a qual foi entregue ao Guia Romualdo Pescada, da Patrulha Lobo, a taça de prata e fitas alusivas, correspondente ao 1.º lugar no Concurso Jubileu do Escotismo Português.

Foram ainda entregues estrelas de antiguidade e prestaram compromisso de honra os aspirantes Daniel Gomes Candeias Baptista, que ingressou na «Águia»; Manuel Martins Pacheco, na «Poupa»; João Alexandre dos Reis Parreira, José Manuel Camarada Veia e João Luís Parra Rodrigues, que ingressaram na «Lobo».

A entrada do ano foi saudada com canções escoteiras, tendo o Chefe José Manuel Pereira anunciado o início de um novo concurso e salientado o valor do Escotismo na formação da juventude. — C.

Fundamentos do Método Escoteiro

Continuação

A DIVISA

Estar *Sempre Pronto* para os Escoteiros. *O Melhor Possível* para os mais novos, os Lobitos, e *Servir* para os mais velhos, os Caminheiros, são outros tantos modos de lembrar a todos que estão no Escotismo como devem transformar a Promessa e a Lei em coisas de aplicação real. A acção desenvolvida para tal cumprimento constitui um treino para a vida e neste aspecto deve frisar-se que esse treino prepara os rapazes para serem úteis aos outros; aprendem a cuidar de si próprios, desenvolvendo as suas possibilidades de actuação, mas orientando-se sempre, também, no sentido de serem prestáveis aos seus semelhantes.

A ALEGRIA; O sorrir às dificuldades

Um dos elementos indispensáveis do espírito escoteiro, que B. P. tão frequentemente nos lembrava, era a alegria, a jovialidade. Uma vez B. P. disse que era indispensável não condenarmos ou reprovarmos muito sèriamente os outros e nós próprios, advertindo-nos de que se o Escotismo perder o sorriso perderá uma das suas qualidades de êxito. O Escotismo foi concebido como um «jogo» e como tal deve ser jogado alegremente dentro das suas regras.

UM INTERESSANTE CONCURSO DE JOGOS ESCOTEIROS

No horizonte tão pobre de iniciativas dos Escoteiros de Portugal, acaba de surgir um empreendimento interessante por parte do Grupo n.º 93 de Sintra, que merece o nosso sincero aplauso, pois visa uma actividade útil de bom cunho escoteiro, sem ter em vista — como agora acontece com tanta frequência — meros intuitos publicitários.

O Concurso está aberto a todos os Grupos de Escoteiros e consiste na elaboração de até três jogos escoteiros destinados a uma patrulha (8 rapazes) para poderem ser executados ao ar livre e compreenderem duas partes: uma para ser executada no campo e outra em meio urbanizado, ou apenas só uma delas, dando-se contudo preferência ao primeiro caso. A execução de cada jogo deverá demorar o mínimo de meia hora até duas horas, o máximo.

Os esquemas dos jogos deverão ser enviados à sede do Grupo n.º 93, Palácio Valmor, Sintra, até ao último dia do mês de Fevereiro corrente, em sobrescrito lacrado e segundo normas que aquele grupo regulamentou.

Se porventura algum Grupo não recebeu a respectiva circular sobre este Concurso, deverá dirigir-se imediatamente ao Chefe do «93» solicitando informes.

Os jogos serão depois classificados por um Júri indicado pela Direcção dos Escoteiros de Portugal e a entrega dos prémios será feita por ocasião das festas do 30.º aniversário do grupo promotor do concurso.

Integração Escotista

SEGUIMENTO DA PÁG. 1

perante o grande público, não se converterá naquela testemunha viva do que é e do que pode fazer o escotismo em prol da educação da juventude.

Ante factos tão pouco abonatórios para o nosso movimento, é indispensável, fundamental mesmo, que a criação ou a existência de um grupo seja credenciada pela verificação das condições materiais, morais, técnicas e de orientação que garantam a estabilidade da vida escotista num meio ambiente próprio e capaz de promover a obra educativa.

Eis, pois, a integração que importa levar a cabo quanto antes, a integração, num nível aceitável, dos grupos que para aí vivem num estado permanente de subvida, de inércia, de letargo. E' que somos tão poucos que a proliferação de unidades decadentes traz o risco, em que já caímos, de tornar estas a regra do nosso movimento, e os bons grupos existentes apenas honrosíssimas mas raras excepções.

Infelizmente não seria assisado dar guarida a sonhos de grandiosidade para o Escotismo em terras de Portugal, porque, para já, falecem, quase por completo, as condições que permitiriam alcançar esse desiderato. Podemos e devemos, contudo, esforçar-nos para que os Escoteiros de Portugal, embora não muito numerosos, sejam um movimento digno, honesto e útil.

E' esta a obra que se impõe, é esta a obra que, no limiar de mais um ano, pode constituir o programa de um trabalho frutuoso.

Há que sanear o movimento, integrá-lo nos verdadeiros princípios do método powelliano. E fazê-lo quanto antes, não vá acontecer que os bons elementos, com quem ainda é possível contar, se cansem, desanimem e se sintam deslocados num meio que não é efectivamente o seu. Tornemos, pois, o nosso movimento completo, perfeito, recto, justo, incorruptível, na medida das nossas capacidades.

A integração escotista não é uma opção: com ela, poderemos ter escotismo; sem ela, restará sòmente a decomposição.

Joel Ribeiro

FALAM OS MAIS NOVOS

«LOBO NEGRO» LANÇA UMA CAMPANHA A FAVOR de uma pobre doente mental

«A dois passos de Lisboa, vive numa cabana uma doente mental com 23 anos». Era este o título de um artigo publicado no dia 12 de Janeiro último no «Diário Popular».

Nesse artigo, pode-se fazer uma ideia da miséria física daquela doente e do desespero dos pais e do resto da família por verem o ente querido a extinguir-se lentamente.

No final dessa notícia via-se: «A Irene Cara Linda (a aludida doente) carece de cuidados. Poderemos continuar a deixá-la viver numa cabana, num estado de higiene duvidoso?»

Não, não podemos, caros leitores. Aquele ser humano, nosso semelhante, não pode continuar sem assistência médica e, por isso, julgo que, se todos dermos, que mais não seja, um tostão, cinco tostões, salvaremos a vida daquela rapariga.

Meus amigos: temos a obrigação de a ajudar. Lembrai-vos de que uma pequena moeda com que possais contribuir poderá salvá-la.

Está aberta, portanto, a campanha para quem queira colaborar com dinheiro ou outros valores a favor daquela infeliz doente, para que possa ser submetida ao tratamento de que carece. Se cada um colaborar nesta humanitária campanha terá, como agradecimento, a consciência do bem que praticou.

Não vos esqueceis desta pobre doente que tanto precisa da vossa ajuda. Enviai as ofertas para a redacção deste jornal.

LOBO NEGRO

O ESCOTISMO RENASCE EM CARCAVELOS

Continuação da pág. 5

E é neste espírito de entusiasmo que a vida da nova Secção do Grupo n.º 12 se desenvolve.

No final da nossa visita, estivemos a falar com o sr. Manuel Cordeiro, pai do José Manuel, dirigente da Alcateia, que nos confiou alguns dos projectos que se pretendem realizar, com o fim de dar vida e consistência a este agrupamento de escoteiros. Este senhor, que é comandante da Corporação dos Bombeiros de Carcavelos, mostrou-se muito entusiasmado com o empreendimento, que espera seja levado a bom fim. É um dos componentes da Comissão de Patrocínio, de que fazem parte também os srs. António Viegas Custódio e Guilherme Bastos.

Fazemos ardentes votos de que a iniciativa do nosso amigo sr. Viegas Custódio possa encontrar o amparo que merece, a fim de ser retomada em Carcavelos a tradição escotista que ali teve uma época de muito prestígio e de grande honra para o nosso Movimento.

CALENDÁRIO DE FEVEREIRO

DIA 22 — Aniversários do nascimento do Fundador do Escotismo, Lorde Baden-Powell, e de sua viúva Lady Olave Baden-Powell. Dia do Pensamento.

DIA 26 — Aniversário da 3.ª Companhia de Guias «Filipa de Vilhena». Esta Companhia, com tantas facilidades de vida, está inactiva. Não será esta uma oportunidade de reorganização?

Mensalmente publicaremos este Calendário com as efemérides de que tivermos conhecimento.

Dos amigos de «Sempre Pronto»

De Luto — Em Almada, faleceu em 9 do corrente, após uma operação cirúrgica que tinha decorrido normalmente, o sr. Francisco Filipe Júnior, casado com a sr.ª D. Emília Maria dos Santos Filipe e pai das sr.as D. Manuela Filipe Macedo, Lucília Filipe Ferreira e do sr. Carlos Alberto dos S. Filipe, sogro dos srs. Mário Ferreira e do nosso dedicado Administrador Capitolino Ferreira Macedo, e avô do nosso jovem colaborador Rui Horácio Filipe Macedo.

A toda a família enlutada e particularmente ao nosso camarada Ferreira Macedo apresentamos os nossos pêsames.

Problemas de Cultura

No brilhante artigo do sr. Rev. Eduardo Moreira, que publicámos no último número, por lapso de revisão, poisou uma *gralha* de que os nossos leitores certamente se aperceberam. Dizia-se na segunda página que *Criou-se no século V uma ordem para galardoar os serviços em África(...) A «Ordem da Espada» chamada depois da «Torre e Espada».*

Trata-se realmente do século XV.

Pedimos desculpa do lapso.

As comemorações do 1.º de Dezembro

Comunica-nos o Chefe do Grupo n.º 8 que a sua unidade também esteve representada na sessão efectuada pela Fraternal na sala do Palácio Foz, do S. N. I.. Só por lapso não foi indicado o «8», do que pedimos desculpa.

ASSINANTES PATROCINADORES

Continua a aumentar o número dos nossos Patrocinadores, numa manifestação de simpatia que muito nos sensibiliza.

Um antigo escoteiro muito ilustre, o sr. Professor Dr. João Faria Lapa, que pertenceu ao Grupo n.º 3, fez a sua inscrição como Patrocinador e pagou a assinatura anual com 50$00.

O sr. Albano da Silva, secretário-geral da A. E. P., deu também a sua adesão à categoria de Patrocinador com a quota anual de 50$00.

Os antigos-escoteiros srs. Pedro Maia da Cruz Lopes, de Lisboa; e Fernando Bettencourt, do Funchal, também nos honraram com a sua inscrição como Patrocinadores.

Agradecemos reconhecidos.



Eurico de Jesus Augusto

Em 20 de Janeiro passado, na Guiné Portuguesa, junto à fronteira do Senegal, tombou em combate este nosso dedicado amigo, caminheiro do Grupo n.º 10 de Lisboa, com larga folha de serviços naquela unidade.

O Eurico era o verdadeiro



tipo de escoteiro. Leal, sincero, muito jovial. Onde ele estivesse havia alegria e entusiasmo. Mesmo na adversidade, mantinha o espírito forte e lutava para vencer as dificuldades, sem perder o sorriso. Foi assim, que deixou a vida de estudante e se lançou ao trabalho, sem no entanto abandonar o estudo.

Bom companheiro, por toda a parte granjeava amigos. Funcionário da C. P., era ali muito estimado, e no exército todos os seus camaradas o apreciavam, pelo que a sua morte foi muito sentida.

Como Escoteiro, tombou no cumprimento do dever, ao serviço da pátria, numa guerra traiçoeira. Curvemo-nos prestando a nossa sentida homenagem ao companheiro que partiu para o eterno acampamento.

Sempre Pronto apresenta condolências muito sentidas a seus desolados pais, sr. Mário Augusto e sr.ª D. Maria de Jesus Augusto.

Sempre Pronto *espera que jovens, mesmo que não sejam escoteiros, se apresentem para colaborar nos trabalhos da Redacção. Precisamos de gente nova, que sinta os ideais escoteiros, e deseje cooperar nesta obra, o bem da educação e da cultura.*

DO ENTRONCAMENTO

D. Adélia Ferreira Duarte Coelho

Em 16 de Janeiro passado, no dia em que fazia 74 anos, faleceu nesta vila esta virtuosa senhora, esposa do sr. José Duarte Coelho, presidente do Grupo de Escoteiros n.º 84, desta localidade.

O funeral constituiu uma expressiva manifestação de pesar, tendo-se incorporado pessoas de todas as categorias sociais, entidades oficiais, representações das colectividades do concelho, bem como a Corporação de Bombeiros e o Grupo de Escoteiros n.º 84. Durante a noite, na residência da falecida, por turnos, dois escoteiros e dois bombeiros permaneceram em guarda-de-honra junto do ataúde.

O povo do Entroncamento, que ao sr. José Duarte Coelho muito deve pelos serviços prestados ao concelho, tem-lhe manifestado o seu profundo pesar. — C.

— ★ —

Sempre Pronto *associa-se às manifestações de pesar tão sentidamente tributadas, apresentando ao sr. Duarte Coelho as suas condolências.*

OS DIREITOS E OS DEVERES

Aos direitos naturais vinculam-se, no mesmo sujeito jurídico que é a pessoa humana, os respectivos deveres. Direitos e deveres encontram, na lei natural que os outorga e impõe, o seu manancial, a sua consistência, a sua força inquebrantável.

Assim, por exemplo, o direito à existência liga-se o dever de conservar a vida, à obrigação de viver dignamente: o direito de investigar livremente a verdade, ao dever de buscar um conhecimento da verdade cada vez mais vasto e profundo.

Estabelecido este princípio, deve-se concluir que, na convivência humana, a determinado direito natural de uma pessoa cerresponde o dever de reconhecimento e respeito desse direito por parte dos demais. E' que todo o direito fundamental do homem encontra a sua força e autoridade na lei natural, a qual, ao mesmo tempo que o confere, impõe também algum dever correspondente. Por conseguinte, os que reivindicam os próprios direitos, mas se esquecem por completo dos seus deveres ou lhes dão menor atenção, assemelham-se a quem constrói um edifício com uma das mãos e, com a outra, o destrói.

PAPA JOÃO XXIII

Lembra-te de que como Caminheiro, além de te tornares melhor como homem e como cidadão, estás a servir de modelo, quer o saibas quer não, a rapazes do teu agrupamento e da vizinhança. Os rapazes são terríveis imitadores, e sirvo-me da palavra «terríveis» de propósito, porque nos enche de terror quando pensamos no grande mal e no grande bem que podemos fazer com o exemplo que lhes demos.

BADEN-POWELL

N.º 226

SEMPRE PRONTO

MENSÁRIO ESCOTISTA

Fevereiro de 1964

AUTENTICIDADE E TRADIÇÃO

«Le Lien», boa revista dos Chefes Escoteiros nionistas de França, publicou no seu número de Dezembro passado este interessante artigo, que nos parece oportuno inserir na ocasião do aniversário do nascimento de B. P.. Foca um tema que nos parece útil sublinhar e ainda recentemente aqui versámos. A necessidade de que o Escotismo autêntico continui fiel às suas fontes, a B. P., sem prejuízo da indispensável adaptação às actuais exigências pedagógicas. O Escotismo é permanente progresso.

Mas oiçamos «Le Lien»:

Não se encontra em Baden-Powell definição límpida, racional e decisiva do escotismo. Como tudo o que é inglês, o escotismo foi realizado duma maneira empírica antes de ser pensado. Isto é o que permite a toda a gente, desde há cinquenta anos, interpretações divergentes ou discussões sem fim.

Não se trata com efeito duma tese pedagógica fixada de uma vez para sempre, mas de uma espécie de movimento contínuo que B. P. sem cessar modelou e aprimorou durante toda a sua vida. Depois o escotismo caiu, de qualquer maneira, no domínio público. Cada nação, cada confissão, cada época tem-lhe impresso traços particulares, quanto ao aspecto de cada um dos movimentos. Não há um escotismo tradicional, mas fontes comuns que fazem a sua autenticidade e que se exprimem em colorações e fórmulas diferentes.

Aqui ainda o empirismo exerce a sua acção. É no campo que se faz o progresso e não no gabinete. Não são filósofos que vão exercer o papel de guias nesta marcha para a frente, mas rapazes e raparigas em contacto com as crianças, certos de atitudes pedagógicas que são o veículo da sua vocação, mas conscientes também do carácter incerto e provisório dos sistemas e das fórmulas que empregam, perpètuamente confrontados com os rapazes, os seus desejos, as suas necessidades e as suas exigências.

Não é reunindo-nos em volta de uma mesa, por muito inteligentes que nós possamos ser, que resolveremos os nossos problemas. Também não é fechando os ouvidos às críticas e às contestações que se educa. Mas é o próprio movimento, e todo inteiro, que deve em cada um dos responsáveis possuir este desejo de invenção e este espírito de renovação. E' escutando as crianças, pelo ensaio de novas fórmulas, tomando contacto com as realidades do dia de hoje, que seremos fiéis à nossa vocação.

Não se trata de revolução. A tradição não é forçosamente boa para lançar ao lixo. Mas a tradição é demasiadas vezes a esclerose daquilo que foi outrora uma invenção; é a concha que sobrevive enquanto a carne se perde; é a forma de nos instalarmos confortàvelmente e em segurança sem ver as transformações que se processam em nossa volta. E' o mesmo que fazer, de uma coisa que não é mais do que uma expressão provisória de uma verdade passageira, uma espécie de religião do passado onde cada um procura sobreviver a si próprio de uma maneira absurda e irrisória.

O Escotismo não é um sistema pré-fabricado e pré-definido. Utiliza tradições sucessivas. Como toda a pedagogia é antes de tudo uma busca, uma investigação. A busca começa pela observação das crianças, das suas necessidades, das suas condições de existência, dos meios onde vivem e das influências que pesam sobre elas. Desenvolve-se então uma linguagem e uma formulação, objectivos e programas que, descobertos no terreno, dão por sua vez nascença a uma codificação e a um sistema, eles próprios provisórios. A autenticidade situa-se na fidelidade às fontes e nas atitudes pedagógicas que não implicam um sistema de preferência a um outro.

É alguma coisa ser bom, mas é melhor fazer o bem

«A bondade e a cortesia são grandes virtudes», diz um velho provérbio espanhol; ao passo que outro diz: «Faz o bem e não olhes a quem», o que quer dizer que cada um deve ser bondoso com todos, grandes ou pequenos, ricos ou pobres. E' por isso que nós, Escoteiros, temos uma promessa que nos obriga ajudar o próximo constantemente. A princípio pode ser algo difícil recordar cada dia o cumprimento desse dever, e pode ser até que nos seja difícil encontrar alguma coisa que possa ser útil a outra pessoa; mas se nos empenharmos em fazê-lo um dia após outro, depressa veremos isso convertido num hábito pessoal e conseguiremos ver o sem número de pequenas acções que se podem fazer e ser contadas como boas, por muito insignificantes que pareçam.

Se alguém se acostumar a tomar as coisas alegremente, rara vez passará sèriamente mal. Se somos sensatos, esforçar-nos-emos por rir quando se nos apresente uma dificuldade ou tenhamos que enfrentar uma doença ou um perigo que pareça muito grande; ainda que, confesso, custe muito praticar isto ao princípio. Contudo, quando alguém consegue rir-se desapareceu instantâneamente o pior do contratempo e é já possível enfrentá-lo mais fàcilmente.

Ter bom génio está ao alcance de qualquer rapaz que o queira. Essa atitude ajudá-lo-á em qualquer jogo que pratique, mas ainda mais em casos sérios de dificuldade e de perigo.

BADEN-POWELL

107.º Aniversário do nascimento de Baden-Powell

Em 22 de Fevereiro corrente passa o 107.º anivevsário do nascimento de Lorde Baden-Powel, o inspirado fundador do Escotismo. Merece a pena comemorar esta data, porque a vida de B. P. foi uma abençoada dávida à humanidade, e a sua obra permanece como fulcro de boa compreensão entre os homens.



Baden-Powell foi o campeão do paradoxo. Além de ter casado tardiamente e ter tido uma feliz vida de família com alguns filhos e filhas; de ser tipicamente britânico e ao mesmo tempo um verdadeiro cidadão do mundo; de ser um homem de conceitos profundos e sério mas de espírito jovial; foi sobretudo um homem de guerra, um autêntico militar, mas produziu uma grande obra de paz. O facto de ter sido militar, de ter dado forte contributo para as modernas concepções de táctica, de ter comba-

CONT. NA PÁG. 3